DARWINISMO LITERÁRIO • *Continuação da página 1*

Reação ao construtivismo social extremado

Críticos afirmam que pós-estruturalismo resultou em relaxamento no rigor e na clareza de pesquisas acadêmicas

Segundo seus integrantes, o darwinismo literário é também uma reação à crítica hoje dominante nas universidades, mais interessada nas relações entre os textos e as construções culturais. Essa escola, que os americanos chamam simplesmente "Teoria", enfatiza os aspectos ideológicos da linguagem e considera aproximações entre o cultural e o natural como potencialmente coercivas e reacionárias.

Além disso, pós-estruturalistas como Derrida empreendem uma leitura detalhada de obras teóricas e literárias para demonstrar ambiguidades e incoerências que os próprios autores dos textos não percebem. Assim, a leitura crítica é concebida como um ato criativo, em que o fundamental não é determinar o sentido (inapreensível) do texto, mas estabelecer um diálogo entre o crítico e o autor. Joseph Carroll e outros estudiosos acreditam que essa posição resultou num relaxamento dos padrões de clareza e rigor no ambiente acadêmico, validando leituras mais interessadas nas considerações do crítico do que nas intenções originais do autor da obra.

Reprodução

CHRISTOPHER LAMBERT em cena do filme "Greystoke": críticos enfatizam importância da evolução na formação da psicologia humana

Crítica é chamada de proto-fascista em encontro

O darwinismo literário pretende não apenas mostrar que há um mundo fora do texto, mas também estabelecer uma possibilidade de comparação entre diferentes interpretações de uma obra literária. Uma pretensão de objetividade e rigor científico que a muitos críticos parece descabida, ou mesmo antidemocrática.

"Num encontro da Modern Languages Association (N.R: *órgão que reúne pesquisadores de literatura*), alguém se levantou e me chamou de proto-fascista", disse à revista "Nature" a professora Nancy Sterling, especialista em literatura romântica na Universidade de Nova Orleans.

A associação entre darwinismo e eugenia, estabelecida a partir do horror nazista, talvez seja um dos motivos da persistente desconfiança, entre os estudiosos de ciências humanas, às abordagens que tentam pensar o homem a partir de sua biologia. Mesmo um pensador como o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, para quem "o fim último das ciências" seria "reintegrar a cultura na natureza, e, finalmente, a vida no conjunto de suas condições físico-químicas", tem sido um crítico cético da sociobiologia.

Isso não tem impedido, porém, que tentativas de aproximação tenham sido feitas, principalmente pela psicologia evolutiva (que pensa as funções do cérebro humano em termos de adaptações evolutivas) e pela neurobiologia, que estuda a base fisiológica de estados subjetivos como o ódio, o amor, o sentimento estético etc. Inevitavelmente, ao estudar a mente do homem, pesquisadores dessas áreas levantaram questões antes consideradas próprias das ciências humanas.

No caso da literatura, isso tem ocorrido não apenas na análise de obras literárias, mas na reflexão sobre a própria natureza da poesia, da ficção e, de forma mais geral, da arte. Se é verdade que o ser humano foi moldado num processo de competição pela sobrevivência e seleção natural, se perguntam os evolucionistas, porque algo aparentemente tão inútil quanto a arte tornou-se tão importante para nós?

As respostas variam entre os que consideram a arte um subproduto acidental da evolução, e os que acreditam que ela serve a funções específicas, que conferem ao homem uma vantagem evolutiva. O psicólogo Steven Pinker, defensor da primeira hipótese, criou a metáfora do "cheesecake" para a mente. A arte, como o açúcar refinado, seria apenas uma concentração acentuada de certos elementos agradáveis ao nosso cérebro. Já o psicólogo Geoffrey Miller acredita que a inteligência criativa, o humor e também a arte se desenvolveram como formas de sedução sexual — teoria que talvez não soe tão despropositada para alguns artistas. Em "The literary animal", Brian Boyd, biógrafo de Nabokov e um dos mais respeitados estudiosos do escritor russo, faz uma crítica de diferentes explicações e propõe que a arte, em sua origem, é um meio de moldar e compartilhar atenção, que serve para fortalecer a coesão social e estimular a criatividade. Numa abordagem mais especificamente literária, Joseph Carroll argumenta que a literatura tem um valor evolutivo porque cria um "mapa cognitivo", quer dizer, permite que entendamos melhor a nós mesmos e a outras pessoas. Outra crítica evolutiva, Michelle Sugiyama, diz que a capacidade de fabulação, de imaginar eventos ficcionais, confere ao homem a capacidade de antecipar novas situações e desafios.

Até agora, o único livro de crítica biológica (para usar um termo mais amplo) publicado no Brasil foi "Os ovários de Madame Bovary" (Relume Dumará), de David Barash e Nanelle Barash. A obra, porém, é tida como um exemplo de uso rudimentar da teoria, pois faz pouco mais do que repetir, a respeito de personagens literários, o que a biologia já diz sobre os animais. Pensar a cultura a partir de um determinismo genético seria um erro, diz Boyd.

— Como leitores, nós tratamos os personagens como "objetos intencionais", como os filósofo diriam, ou como algo a respeito do qual temos pensamentos e sentimentos, em linguagem comum. Nós também, a menos que sejamos leitores ingênuos, pensamos em termos das intenções do escritor. Um não exclui o outro — explica.

Sobrevivência do grupo no meio literário é incerta

Os darwinistas literários têm atraído a atenção de publicações importantes, como o "New York Times" e as revistas "Science" e "Nature". Mas a sobrevivência deles em seu próprio meio, onde ainda são minoritários, não parece garantida.

— A maior parte da pesquisa acadêmica literária ainda está baseada em fundações de um construtivismo social "duro" — — lamenta Gottschall. — Não há dúvida quanto a isso: este é um paradigma defunto. Então eu não estou insistindo (ou mesmo querendo) que todos acadêmicos leiam como eu. Mas eu realmente quero que eles se atualizem teoricamente. Se nossa área fizer isso, vai se livrar de um monte de erros facilmente evitáveis. (M.C.) ■

DIRETO À FONTE

• **DENIS DUTTON:** Professor de filosofia na Universidade de Canterbury, Nova Zelândia, o crítico literário é também editor do site Arts & Letters Daily (aldaily.com). Dutton comenta diversos livros sobre darwinismo literário e teorias da arte baseadas na psicologia evolutiva em: denisdutton.com.

• **JOSEPH CARROLL:** Considerado um dos melhores críticos entre os darwinistas literários, Carroll também se dedica a criticar o que ele considera serem inconsistências do pós-estruturalismo. Artigos, resenhas e capítulos de livros escritos por Carroll podem ser encontrados em: jcarroll.notlong.com.

• **NEUROESTÉTICA:** Dirigido pelo professor Semir Zeki, o instituto de Neuroestética reúne pesquisadores interessados em estudar as bases biológicas do sentimento do belo. Textos de introdução ao tema e estudos mais especializados podem ser lidos em neuroesthetics.org

Busca pelos fundamentos de todos os ramos do saber

Coletânea tem a difícil meta de criar paralelos entre produções da evolução orgânica e as da mente humana

The literary animal, *de David Sloan Wilson e Jonathan Gottschall (orgs.). Northwestern University Press, 336 páginas. US$ 29,95*

Silviano Santiago

O biólogo e entomologista norte-americano Edward O. Wilson (1929), estudioso do comportamento social das formigas e inventor do conceito de biodiversidade, tornou-se, no novo milênio, uma presença alvissareira para os teóricos da literatura. Tendo dedicado a vida à pesquisa empírica, sendo autor do clássico "Sociobiologia, uma nova síntese", o entomologista se interessou também por um diálogo teórico e frutífero entre as grandes ramificações do conhecimento humano, como atesta "A consiliência" (traduzido pela editora Campus). Na terceira idade, o estudioso do comportamento social das abelhas e dos cupins passou a se empenhar pelo conhecimento do que chama de "reino literário".

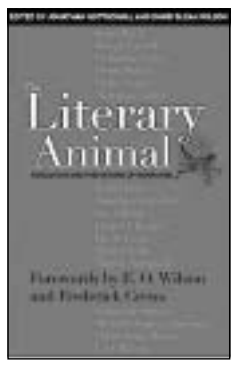
Estaríamos diante de uma nova escola crítica, a dos estudos literários darwinianos? A vocação e o pendor humanos para a literatura e a arte poderiam ser julgados com propriedade como autêntico problema evolucionista?

Sob a co-responsabilidade de Wilson, foi publicada nos Estados Unidos uma aguardada antologia de ensaios, "The literary animal" (O animal literário). A questão que intriga os vários especialistas e colaboradores da coletânea é a inadiável conversa entre darwinianos convictos e construtivistas sociais pós-modernos com vistas à busca da "consiliência". Isto é, da prova de que tudo no mundo está organizado segundo um pequeno número de leis naturais fundamentais, que constituem os princípios subjacentes a todos os ramos do saber. Na qualidade de "última fronteira nos estudos evolucionistas humanos", o texto literário volta à tona entre os darwinianos. O novo interesse deles é o de estabelecer paralelos entre as produções da evolução orgânica, expressas pelos ecossistemas, e as produções da mente humana, expressas pela cultura. Não é fácil a tarefa.

A "Ilíada" como um "drama de macacos nus"

A presente coletânea é escrita numa linguagem acessível ao leitor instruído. Mas ele deve se ligar ao fato de que a ciência, antes de ser um tema, é um método. Ficar ainda atento ao fato de que a alta voltagem da pesquisa inovadora não repousa na concordância entre as vozes dos especialistas, mas no desacordo frutífero entre elas. As melhores descobertas científicas (e artísticas) são as que levantam novas questões e estimulam outras investigações.

Instruído, ligado e atento, mas também curioso e tolerante é o novo pesquisador em letras que os vários ensaios dramatizam. Veja-se o caso exemplar de Jonathan Gottschall, retratado no prefácio na época em que ainda era pós-graduando em letras. Cai-lhe às mãos o livro "O macaco nu", de Desmond Morris (Record), e um professor exige no curso de letras clássicas a leitura da "Ilíada", de Homero. Por que não tentar compreender o poema épico como "um drama de macacos nus"? é o que Gottschall se pergunta. Empertigados, coloridos, belicosos, adornados de tatuagens, a urrarem o próprio valor, lá estão os machos homéricos a se envolverem em conflitos por controle territorial, escolha de parceiros sexuais e acúmulo de recursos materiais.



Empolgado pela confluência dos dois livros com os cursos em psicologia evolucionista que seguia, ele procura o professor de literatura inglesa e lhe propõe um ensaio em que "os conflitos masculinos no poema de Homero seriam analisados da perspectiva da teoria e da pesquisa evolucionistas". Está colocado o alicerce de uma nova metodologia nos estudos literários. A compreensão dos fundamentos evolucionistas do comportamento humano, da psicologia e da cultura autorizaria os pesquisadores universitários a ganhar novas e poderosas perspectivas na análise da forma e da natureza da narrativa literária?

O professor rejeita o projeto, demonstrando a animosidade que — julgam os autores dos ensaios — caracteriza mais o território dos literatos do que dos evolucionistas. São aqueles que preservam o objeto literário das mãos dos darwinianos como a uma caixa de Pandora. Aberta pelos estudos literários evolucionistas, os malefícios se espalhariam pelos pós-graduandos de Letras e trariam incontáveis prejuízos à disciplina. Não é o que o romancista Ian McEwan, um dos colaboradores, prevê nas páginas finais do seu ensaio, quando à semelhança do graduando, analisa trechos de Homero com a nova metodologia.

Filósofos da arte, como Frederick Crews ou Giorgio Agamben (ver "Il aperto", ainda sem tradução em português), são na verdade um tanto céticos em relação à nova metodologia. Segundo eles, os estudos literários não são sobre leis regidas pelo funcionamento mental, mas sobre um corpo de textos únicos e heterogêneos, como, aliás, Roland Barthes provou à exaustão no ensaio "S/Z". Como conciliar a singularidade do texto literário com a sua inscrição teórica numa determinada classe, num determinado "reino" governado segundo leis científicas? Como conciliar o estilo pessoal constitutivo duma obra de arte com os resultados que, na observação, têm de ser repetitivos e enfadonhos? Ou como conciliar a visão estilizada e surpreendente de mundo, que se depreende dum romance ou dum poema, com as medições testadas por inferências estatísticas?

Um narrador darwiniano em Clarice Lispector

No entanto, escritoras do porte de Clarice Lispector nos surpreendem pela vocação darwiniana aos caracterizar narradores e personagens. Na crônica "Bichos", lê-se pelo lado do avesso: "Não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias. Eles às vezes clamam do longe de muitas gerações e eu não posso responder senão ficando desassossegada". E pelo lado direito: "Conheci uma mulher que humanizava os bichos, conversando com eles. Mas eu não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa". Como analisar apropriadamente o narrador/personagem darwiniano de Clarice?

Os sucessivos ensaios de "O animal literário" procuram responder a esse tipo de indagação e ao conflito entre os darwinianos e os construtivistas sociais. Eles estão divididos em três seções. A primeira é intitulada "Evolução e Teoria literária", com destaque para os ensaios "Literatura, ciência e a natureza humana", do já citado Ian McEwan, e "De Jacques Lacan a Darwin", do filósofo e jornalista Dylan Evans, que liquida a teoria lacaniana com golpes de, perdoem o trocadilho, macaco nu. A segunda seção tem por título "O enigma evolucionista da arte" e o destaque vai para Brian Boyd, professor de literatura, com o ensaio "Teorias de arte evolucionistas". A terceira e última seção se intitula "Teoria darwiniana e métodos científicos". Desta seção, o mais sugestivo tem um longo título, que vale a pena ser citado: "Estudo literário quantitativo: um manifesto modesto e o exame das hipóteses em estudos feministas sobre contos de fadas". Seu autor, o também professor de literatura Jonathan Gottschall.

Ao final da leitura do livro é surpreendente o modo como a grandeza de Clarice se soma à do romancista inglês Ian McEwan, autor de notável leitura biográfica de Charles Darwin, onde a análise das emoções humanas pelo cientista se soma a uma intrépida viagem do romancista pelas nossas reações corporais ditas espontâneas. A certo momento, ecoando Darwin, pergunta ele: "Nós aprendemos a sorrir, ou o sorriso é algo inato?" ■

SILVIANO SANTIAGO *é crítico e escritor*

A B D E G H